



Vol. 1 nº 1 jan./jun. 2006

p. 113-118

## ENTRE ALFABETIZAR E EDUCAR: POR QUE RELER ESTA QUESTÃO?

*Aparecida Favoreto<sup>1</sup>*

*Maria Inalva Galter<sup>2</sup>*

Ao lermos alguns textos pedagógicos, é comum depararmos com a defesa de uma educação para além da mera alfabetização, da decodificação de sinais, da simples memorização ou, da repetição de dados, normas e regras. Aliás, este é um debate que hoje, esta em voga e tem estado nos programas de reformas educacionais, como uma meta a ser atingida. A título de exemplo veja os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Um dos objetivos dos formuladores dos PCNs, é construir um sistema educacional que seja capaz de contribuir na formação do cidadão crítico, flexível, autônomo, dinâmico, preparado para a modernidade tecnológica e científica da sociedade atual. Objetivo que dificilmente seriam atingido com uma mera alfabetização.

Entretanto, ao passarmos os olhos pela história educacional do século XX no Brasil, percebe-se que os argumentos levantados pelos formuladores do PCNs, não são recentes, mas já estiveram presentes em muitos anais de congressos e se repetiram em alguns projetos de reformas educacionais, como é o caso do projeto escolanovista da década de 30.

Mas, apesar das semelhanças nas argumentações, é curioso notar que, hoje, quando alguns autores voltam ao passado à procura de respostas para a situação crítica do ensino atual no Brasil, o projeto escolanovista, tem sido objeto de análises positivas e ou negativas. Alguns teóricos conceituados da historiografia atual, ao se referirem ao projeto escolanovista têm lhes definido como um projeto que contribuiu para construir sistema de ensino público nacional. Porém, outros afirmam que foram eles, formuladores de um sistema de ensino ineficiente, com uma prática que degenerou a escola popular, o professor e o conteúdo<sup>1</sup>.

Inegavelmente, as questões apontadas pelos teóricos atuais em relação ao projeto escolanovista, trazem contribuições significativas para pensarmos o sistema educacional brasileiro. Porém, um leitor desavisado, pode cair em uma certa confusão teórica e conseqüentemente, ter um desinteresse pelo projeto escolanovista. O que, empobreceria o debate educacional e contribuiria para passar despercebido algumas questões importantíssimas da história da educação brasileira.

De modo geral, as divergências no debate educacional brasileiro, originam-se de questões muito complexas, que envolvem problemas teóricos de ordem filosófica, política e metodológico. Lamentavelmente, no espaço de um artigo, todas estas não podem ser respondidas. Neste sentido, sem a pretensão de concluir qualquer afirmação sobre a diversidade teórica, objetivamos apenas fazer alguns apontamentos sobre a relação alfabetização e educação na perspectiva escolanovista, isto na tentativa de mostrar o caráter histórico deste debate. Acreditamos que com esta discussão, construiremos alguns elementos para pensar o movimento da sociedade e o debate educacional.

Na década de 1930, uma quantidade relativa de intelectuais lança-se na elaboração de novos projetos educacionais, criando um clima de “otimismo pedagógico”<sup>2</sup>, segundo o qual não basta ampliar o número de escolas existentes, mas também necessita rever o conceito e a função da educação. Tal como afirma Carneiro Leão: “o preconceito de que educação secundária é cultura clássica, de base greco-latina, vai desaparecendo, afinal” (1936, p. 22).

Nessa nova tendência, os princípios, os métodos, o conteúdo educacional da escola até então vigente no Brasil, são severamente postos em suspeita. Um novo ideal de educação é apresentado como eficiente e comprometido com o processo de preparação do indivíduo para as diversas modalidades da vida moderna. E incorpora-se um “*novíssimo* conflito entre ‘educação’ e ‘alfabetização’ (Anísio Teixeira, 1976, p. 66).

Distinguindo, portanto, os conceitos de “educação” e de “alfabetização”, os defensores da Escola Nova, afirmam que a “alfabetização”, mantida em sua forma pura e simples, desacompanhada de educação, não contribuiria para a formação do espírito do homem, para a adaptação do indivíduo ao meio social. Ao contrário, revela-se um mal, mantendo os indivíduo distante das reais condições da vida e necessidades do país. É o que podemos verificar ao ler Carneiro Leão, quando se refere à obra de Anísio Teixeira:

Desacompanhado de educação, o *miraculoso* alfabeto, em verdade, só produz males, diz Anísio Teixeira. Ou o *alfabetizado* ganha o gosto das aparências, dos ornamentos da vida letrada e se transforma em um descontente do trabalho honesto, nas ocupações chamadas manuais, vindo a parasitar nos pequenos cargos da burocracia privada ou pública, aí apenas conservando as poucas letras com que ilude sua espantosa ignorância; ou se torna a presa das propagandas faceis e perturbadoras; ou ainda esquece depressa o alfabetário com que lhe prometem a redenção e que, afinal, não o redimiu de coisa alguma (TEIXEIRA, 1932. Apud – CARNEIRO LEÃO, p. 1936, p. 34).

Juntamente com Anísio Teixeira e Carneiro Leão, Paulo Pestana, atentou para o problema manter na escola a simples alfabetização. Suas palavras, por ocasião da diminuição do estágio escolar em São Paulo, são convincentes:

Acaso o rustico paulista é inferior ao araucano chileno, ao gaúcho uruguaio para consolar-se com a alfabetização em dois anos de burla pedagógica?

Não. Resolver o problema da incultura popular não é iludir-nos com a propagação do semi-analfabetismo de ruinosas conseqüências sociais. É, antes, educar com eficiência e economia, com métodos modernos, elevando gradualmente o nosso povo retardatario na escala da civilização. ...gravai no cerebro do *jeca-tatú* o alfabeto e éle não se modificará: continuará enfermo, indolente, fatalista, incapaz. Educai-o e vereis como adquire saúde e desperta e se transforma ao impulso de energias renascentes (PAULO PESTANA, 1921. Apud – CARNEIRO LEÃO, 1936, p35).

No combate à mera alfabetização, Carneiro Leão pronuncia as seguintes palavras:

Ensinar o *b* a *ba* ou dar os rudimentos de um ofício, abandonando o espirito, a inteligência do *jeca-tatú*, do caipira e do *alfabetizado* em geral, no mesmo estado de inconciência, desorientação ou anarquia, em que eles vivem ha quatro seculos, é em nada pode resolver o problema de nossa cultura e nossa grandeza (CARNEIRO LEÃO, 1923, p 132. Apud – CARNEIRO LEÃO, 1936, p.36).

Noutra parte da obra, o mesmo autor conclui que:

Muito mais do que alfabetização, generalização de escola primaria comum, impõe-se no interior do Brasil uma educação capaz de prender o homem a seu ambiente fisico e social, de torná-lo um fator conciente do bem estar de sua comunidade. Muito mais do que escolas para ensinar a ler, escrever e contar pelos mesmos livros, pelos mesmos programas e pelos mesmos mestres das cidades, a zona rural necessita de preparar seus filhos para resolverem os problemas regionais, para integrarem-se em seu mundo, fazendo-o progredir. ...Seus professores necessitam levar à juventude as conquistas da civilização, mas tambem estudar e conhecer as necessidades materiais, sociais e morais do meio no qual vão trabalhar (CARNEIRO LEÃO, 1936, p. 41).

Para esses intelectuais, a educação adequada deveria contribuir para o aprimoramento do homem, seja ele um homem do campo ou da cidade. Nesse caso, a educação “real” era aquela que reabilitava o homem às suas atividades cotidianas, sejam elas intelectuais ou manuais, eliminando a antiga divisão entre estes dois setores. A educação ideal era aquela que se empenhava em desenvolver **integralmente**<sup>3</sup> o indivíduo, preparando-o para a vida. Assim, a escola deveria ir além da alfabetização:

A Escola deve ensinar a todos a *viver melhor*; a ter a casa mais cuidada e mais higiênica; a dar às tarefas mais atenção, mais meticulosidade, mais esforço e maior eficiência; a manter padrões mais razoáveis de vida familiar e social; a promover o progresso individual, através dos cuidados de higiene e os hábitos de leitura e estudo, indagação e crítica, meditação e conhecimento (TEIXEIRA, 1953, p. 62-3).

Desta forma, a educação deveria ser organizada de tal modo que desenvolvesse no aluno “condições de ajustar-se a seu ambiente com inteligência e proveito” (CARNEIRO LEÃO, 1936, p.41-2).

No que se refere a relação alfabetização e educação, os escolanovistas, em 1930, afirmam que educação não poderia permanecer amarrada à “aprendizagem de fatos livrescos, presos aqui e ali em nossas memórias” em um “meio-saber verbal”, com normas e princípios rígidos, que “nada criam nem reproduzem”, mas devia estar constantemente voltada para um permanente processo de aperfeiçoamento e progresso do homem. Assim, no “*Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*”, em 1932, escrevem que “a geração nascida com a república” teria como grande obra a “campanha pela educação nacional”, e a ela cabia reagir a uma “*educação tradicional<sup>4</sup>, rotineira e antiquada, deficiente a todos os respeitos e a complexidade de problemas que eram chamados a enfrentar e a resolver*”.

Diante dessa meta educacional e em face às “perturbações políticas, econômicas e sociais” tornava-se necessário repassar para a educação novos valores. Para estes, a “civilização contemporânea, que se caracteriza pelo triunfo inaudito do homem sobre as causas”, trouxe um “impulso generoso de forças morais”, libertando-o da “servidão de preconceitos, adquirindo uma consciência mais profunda da solidariedade necessária dos interesses e dos sentimentos dos homens e ampliando para círculos sociais, cada vez mais vastos, os benefícios e as utilidades que acumulou” (1932).

Na leitura dos escolanovista, a década de 1930, caracterizava-se por ser um período de “interessante transição”, no qual alguns setores da sociedade organizavam-se em uma campanha de renovação e reavaliações das práticas e das instituições sociais.

Esta campanha, em parte, era sustentada no fato de que uma parcela da população, diante da crise da economia cafeeira e do sistema federativo, encontrou maior espaço para defender novas alternativas de ajuste econômico e político. Em termos gerais, não só a economia e a política brasileira passavam por transformações, mas o sistema capitalista inaugurava novos contornos, em que, a economia planejada, o sistema de trabalho racional e a crença na ciência, cresciam diante do clima de guerra, do comunismo e do nazismo.

Entretanto, se os escolanovistas grifavam as transformações que empurravam a sociedade rumo à modernidade. Também destacavam que aquele momento era decisivo na história brasileira. Pois, para eles, naquela época conviviam, lado a lado, duas formas diferentes do homem se relacionar com a família, com a educação e com o trabalho. De um lado, estavam os grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro, que ingressavam na industrialização. Por outro, existia um país que havia abolido a escravidão apenas há 40 anos, que não havia conseguido ainda implantar plenamente uma agricultura eficiente e diversificada, que convivia com

uma taxa de analfabetismo de quase 100%, que dependia da importação de quase tudo quanto fosse industrializado, que enfrentava o despotismo das relações coronelistas e que tinha o Jeca como produtor.

Compreendendo que o Brasil vivia um impasse entre a sociedade moderna e o passado atrasado, desejam romper com o passado de “atraso” e ingressar no mundo da modernidade. Neste caso, o sistema educacional mais do que alfabetizar deveria educar. Neste sentido, as palavras de Anísio Teixeira são conclusivas ao afirmar que a escola deve não só alfabetizar, mas, mais do que isto deve educar o homem de modo a ampliar sua inteligência, tornando cada indivíduo capaz de “viver melhor” (TEIXEIRA, 1953, p.62-3).

Todas as questões aqui apresentadas merecem um maior aprofundamento. A repetição do ideário de ir além da alfabetização e as críticas atuais que fazem aos escolanovistas exigem que se busque a base de compreensão desses prismas diferenciados. Para tanto, necessitaríamos de fazer um trabalho a parte, retomando as concepções diferenciadas de educação e sociedade.

O levantamento das questões históricas e de concepção de educação que moviam os escolanovistas na diferenciação do alfabetizar e do educar permitem-nos ver como os projetos educacionais são pensados e tomam corpo dentro de determinadas condições e perspectivas criadas pela sociedade. Neste sentido, ao lermos hoje, tais obras, para além da crítica ideológica que podem despertar, talvez seria pertinente interrogar qual a real contribuição das análises atuais contrárias ou favoráveis ao pensamento escolanovista.

#### REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando et al. **Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova**. São Paulo: Nacional, 1932.

BRASIL, MEC, SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais: séries iniciais do Ensino Fundamental**. v. 1. Brasília: Ministério da Educação. 1997.

CARVALHO, Marta M. C. **Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. São Paulo: FEUSP, 1986. (tese de doutoramento).

EBOLI, Terezinha. **Uma experiência de educação integral**. MEC- INEP – Bahia, 1969.

GUIRALDELLI Jr., Paulo. **Pedagogia e luta de classes no Brasil (1930-1937)**. PUC: São Paulo, 1989 (Tese de doutoramento).

LEÃO, Carneiro A. **Tendências e diretrizes da escola secundária**. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1936.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. São Paulo- Rio de Janeiro: EPU/Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1986.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1975.

\_\_\_\_\_. **Educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Nacional; Brasília, INL, 1976.

\_\_\_\_\_. **Educação para a democracia**. São Paulo: Nacional, 1953.

WARDE, Miriam J. **Liberalismo e educação**. São Paulo, PUC, 1984 (Tese de doutoramento).

#### NOTAS

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela UFPR.

<sup>2</sup> Mestre em Educação e professora da Unioeste.

<sup>3</sup> A título de exemplo veja: Guiraldelli Jr., "Pedagogia e Luta de Classes no Brasil"; Saviani, D. "Escola e democracia". Warde, M. "Liberalismo e educação". Carvalho, Marta M.C. "Molde nacional e forma física" .

<sup>4</sup> Este termo foi utilizado pela primeira vez por Jorge Nagle na obra *Educação e Sociedade na Primeira República* e tornou-se freqüentemente utilizado para definir o movimento escolanovista. Jorge nagle utiliza este termo em relação ao "entusiasmos pedagógico. Para ele, "entusiasmo" caracteriza-se pela importância atribuída à educação na solução dos problemas nacionais. "Otimismo", mantém o entusiasmo, mas aumenta a crença no poder da educação na formação de um homem novo. (1986, p. 12).

<sup>5</sup> A proposta de educação integral, em 1950, efetiva-se com a construção do Centro Carneiro Ribeiro, na Bahia. A educação Integral segundo Anísio Teixeira, trata-se de um "processo educativo que considera o educando na inteireza da sua individualidade, desenvolvendo-lhe todos os aspectos da personalidade e procurando afirmar nêlo os valores maiores da pessoa humana, como a liberdade com responsabilidade, o pensamento crítico, o senso das artes, a disposição da convivência solidária, o espírito aberto a novas idéias, a capacidade de trabalhar produtivamente" (EBOLI, T., 1969, P.5-7).

<sup>6</sup> Anísio Teixeira afirma que escola tradicional é aquela que permanece um programa educacional rígido, com um fim determinado, preestabelecido para o adulto que se quer formar. Esta escola constitui-se em um mundo separado da vida e em um "ambiente artificial que, quando muito, se prepara o "espírito para as especializações diversas de uma vida estritamente intelectual". É uma escola que desconhece a criança como centro dos interesses educacionais e que o aprendizado se faz em três fases: aprender fazer coisas, com o simples contato com o meio; aprender através das experiências alheias, mas que são informações ligadas à sua atividade geral; e, por último, o enriquecimento e aprofundamento do conhecimento, até receberem uma organização lógica, racionalizada e sistemática. (Ver TEIXEIRA, 1975, p. 68-83)